

Queda nos negócios até o final do ano *DF Comércio*

Zeca Moreira

Uma pesquisa divulgada ontem pela Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio-DF) serviu para alertar os comerciantes da cidade para uma tendência de queda nos negócios até o fim do ano. Os números apresentados mostraram uma desaceleração de 0,11% nas vendas, comparando-se julho com junho. Apesar do sinal amarelo ter acendido, 2005 não tem sido ruim para o comércio. Até o sétimo mês foi registrado aumento de 18,6%.

Quem se salvou em meio a queda nas vendas foram os supermercados, que se beneficiaram com a concessão de empréstimos em consignação (desconto em folha) e por meio de créditos sindicais aos consumidores. Para o presidente da Fecomércio, Adelmir Santana, tais facilidades ajudam os consumidores na hora das compras. "Mesmo com o aumento nas vendas a crédito, elas ainda estão baixas. Quanto mais meios o cliente tiver para pagar, melhor fica

para todos", disse referindo-se ao aumento nas vendas com cartão de crédito de 11,78%, junho, para 14,47%, julho.

Quem discorda da idéia é o vice-presidente do Conselho Regional de Economia, Roberto Piscitelli. Para ele, os juros e o crediário tendem a se tornar uma bola de neve, sendo que muitas vezes o empréstimo acaba servindo para pagar dívidas antigas. "As pessoas vão se endividando e empurram com a barriga. Às vezes é crédito para pagar crédito. Isso acaba por diminuir a renda familiar que passam a pagar juros", disse o economista.

Segundo ainda Piscitelli, a modalidade de crédito citada pelo presidente da Fecomércio, o empréstimo em consignação, era mais eficiente quando criado, um ano e meio atrás, tendo virado depois disso um estorvo a mais na hora de fechar as contas mensais.

Apesar de discordarem em relação ao crédito, ambos entram em sintonia na hora de afirmar que a taxa

de juros (Selic) a 19,75%, prejudica tanto população quanto comércio. "Caso não tivesse tão alta, nossa economia estaria explodindo" empolga-se o presidente da Fecomércio. Mais cauteloso, Piscitelli prefere avaliar como é tratada a taxa. "O problema da Selic é a manutenção dela. Está elevada. Tem que haver queda", disse. Atualmente a meta da inflação, justificativa majoritária na hora de manter a Selic em alta, encontra-se em 5,34% para o ano de 2005, muito próximo do objetivo do governo, que é de 5,1%. "Não sei se haverá redução, mas gostaria de saber quais justificativas usariam para não baixar ao menos 0,25% no próximo mês", concluiu o economista.

A pesquisa também apontou para uma redução no nível de emprego, que terminou julho no negativo em 0,44%. O número não chega a ser representativo e não interfere diretamente no leve aumento na inadimplência, com alta de 0,56% entre junho e julho.